

Histórias, Memórias e Projetos para o ensino de História no Brasil



O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO MUSEU DE CEILÂNDIA-DF COMO POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA¹

DE OLIVEIRA, Vinícius José Duarte²

Grupo de Reflexão Docente n. 18: Experiências educacionais no ensino de História: documentos históricos, memória, educação patrimonial e currículos multiculturais

Resumo:

Ensinar História é também ensinar o seu método. Na Educação Básica, os fundamentos teóricos e metodológicos, as formas e funções da história juntamente com todas as disputas ideológicas em torno do que deve ser lembrado são comumente negligenciados, colaborando para uma postura passiva dos alunos diante de um conhecimento histórico aparentemente estático. Considerando esse cenário, a pesquisa em desenvolvimento propõe a elaboração do Museu de Ceilândia-DF pelos alunos do 1º ano do Ensino Médio do Centro Educacional 06 de Ceilândia. Os alunos recolherão objetos, fotos e depoimentos orais sobre a história da cidade e posteriormente organizarão uma exposição no segundo semestre de 2021 para a comunidade escolar. O foco da pesquisa não é o Museu em si e sim o seu processo de construção, pois pretendo que os alunos percebam os fundamentos da pesquisa histórica, as intencionalidades e disputas em torno da construção da história a partir da própria experiência prática, pois eles escolherão quais objetos serão expostos, como serão expostos e porque serão expostos. Estimo que após a realização dessa pesquisa os alunos estejam mais aptos para questionarem as intencionalidades presentes em narrativas históricas preconceituosas das quais muitas vezes são vítimas.

Palavras-chave: ensino de História, Museu de Ceilândia, narrativas históricas

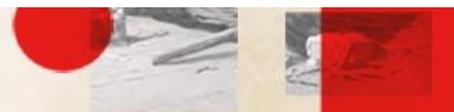
1. Introdução

O estudo que o presente texto se refere está em desenvolvimento desde março de 2020 e culminará na dissertação para a obtenção do título de mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), núcleo Universidade Federal de Goiás (UFG), na linha de pesquisa: Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória, sob a orientação do Professor Dr. Jiani Fernando Langaro.

A pesquisa consiste numa proposta para um ensino de História crítico, reflexivo e problematizador a partir da elaboração e exposição de um museu de história ceilandense no Centro de Ensino 06 de Ceilândia, Distrito Federal. Tanto a elaboração quanto a exposição serão

¹ Trabalho em desenvolvimento com apoio financeiro da CAPES mediante bolsa de estudo.

² Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) pelo núcleo da Universidade Federal de Goiás (UFG) e também professor da Educação Básica da Secretaria de Estado e Educação do Governo do Distrito Federal desde 2010.



Histórias, Memórias e Projetos para o ensino de História no Brasil



de autoria dos próprios alunos com a minha orientação. Destaco que o foco da pesquisa não é o produto, no caso o museu, e sim o processo, pois durante o desenvolvimento dessa atividade elementos cruciais do ensino de História serão tratados. Apesar dos museus possuírem uma função pedagógica largamente explorada (BITTERN COURT, 2005, p.355), reitero que os processos de ensino/aprendizagem dessa pesquisa serão direcionados aos alunos que montarão o museu, entretanto o Museu constituído poderá também ser uma ferramenta pedagógica para o ensino de História e também para outras disciplinas, mas não é o foco do projeto.

Para melhor apresentar a pesquisa optei por dividir esse texto em quatro principais partes: a primeira parte denominada de “Reflexões e anseios” aborda os problemas de se ensinar História como um produto pronto, acabado e estático; na segunda parte situo a minha pesquisa apresentando brevemente a história de Ceilândia e também o Centro de Ensino 06. Posteriormente, na parte intitulada de “Proposta de pesquisa-ação”, proponho a criação do Museu de Ceilândia-DF pelos alunos como possibilidade para um ensino de História que promova uma melhor compreensão sobre os métodos de se fazer uma pesquisa histórica e principalmente as intencionalidades e disputas que envolvem as construções das narrativas históricas, principalmente através do objetos museais; e por último as expectativas que possuo referentes ao projeto.

2. Reflexões e anseios

Há um certo consenso entre os historiadores que a história é uma construção que envolve aspectos metodológicos, como análise das fontes, e também aspectos ideológicos e políticos em torno do que deve ser lembrado ou esquecido. É um processo que envolve tensões, intenções e disputas. Entretanto, os fundamentos teóricos e metodológicos em torno da construção da história, suas funções e intenções, possuem pouco espaço na Educação Básica e geralmente são tratadas apenas no início do 6º ano do Ensino Fundamental e no início do 1º ano do Ensino Médio. A História chega como um produto pronto, acabado e estático, um bom professor, portanto, seria aquele que transmitisse esse conteúdo da forma mais cativante, compreensível e interessante possível. Todo o processo da pesquisa, da construção daquela informação, juntamente com as relações de poder e disputas em torno da história não possuem a visibilidade merecida na Educação Básica. Segundo Alberti,

Histórias, Memórias e Projetos para o ensino de História no Brasil



Cabe a nós, professores, fazer com que nossos alunos e alunas aprendam que o conhecimento sobre o passado, ao contrário do que sugerem muitos livros didáticos, não existe sem pesquisa” (2015, p.9).

Ensinar História também é ensinar o seu método e o uso de fontes é fundamental para isso.

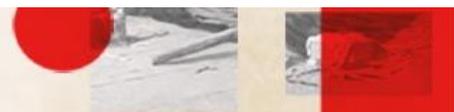
Há uma postura usual e também bastante criticada sobre o uso de fontes históricas no ensino de História. Essa crítica é direcionada ao uso limitado para ilustrar, exemplificar e corroborar com o que já foi explicado, ou seja, inverte-se uma lógica metodológica, as fontes que deveriam subsidiar a interpretação do historiador e a produção do conhecimento histórico se tornam um selo de comprovação ou ainda um mero entretenimento. Conforme Pereira e Seffner:

É nesse contexto de dificuldades epistemológicas que se inclui o problema do uso das fontes em sala de aula, via de regra, utilizadas como prova e ilustração dos argumentos e descrições escritas, decorrência de uma ânsia em dar realidade ao relato histórico (2008, p.122).

As fontes históricas devem ser o ponto de partida do conhecimento histórico também nas salas de aula.

Outro elemento essencial para a presente pesquisa são os interesses e ideologias por trás dos objetos históricos. Esses objetos são carregados de intencionalidades, no entanto essas intenções podem ser alteradas ao longo tempo, ou seja, algo que possuía uma função prática pode vir a ter uma função simbólica, porém, outros objetos históricos já são criados com o intuito de serem memoráveis e monumentais, por exemplo a pedra fundamental de Ceilândia. Em suma, os objetos históricos são celebrados, ignorados, enaltecidos, replicados ou até destruídos de acordo com as disputas ideológicas e políticas que ocorrem no presente pelo controle do passado. “O monumento/documento é um engenho político, é um instrumento do poder e, ao mesmo tempo uma manifestação dele” (PEREIRA e SEFFNER, 2008, p.116).

Os objetos museais são fontes históricas relevantes tanto para a pesquisa quanto para o ensino de História. Porém, os museus não devem servir apenas para confirmar o que os alunos viram previamente em sala, esses espaços precisam incitar questionamentos e problematizações (PACHECO, 2020, p.45). A escolha do museu, entre outras formas de narrativas históricas, se deve ao seu caráter estético e metonímico (não que tais características sejam exclusivas dos museus, porém elas são bastante evidenciadas neles). O uso de objetos históricos como representações de um todo é bastante criticado por Meneses:



Histórias, Memórias e Projetos para o ensino de História no Brasil



O emprego do “típico” (fácil de descambar para o estereótipo), constitui simplificação que inelutavelmente mascara a complexidade, o conflito, as mudanças e funciona como mecanismo de diferenciação e exclusão (1993, p.28).

No entanto, essa característica do objeto histórico será fundamental para a pesquisa, pois ao representar algo maior, tal objeto será imbuído de uma grande carga simbólica que não é ingênua e desinteressada. A própria organização do espaço reflete hierarquias em relação aos objetos e suas simbologias (MENESES, 1993, p.14).

Ignorar o potencial que as fontes históricas, especialmente os objetos museais, podem ter nas salas de aula, juntamente com os processos metodológicos e ideológicos presentes na construção das narrativas históricas podem acarretar em dois problemas graves, mas comuns no ensino de História. Primeiro, os alunos se tornam passivos no processo de ensino/aprendizagem, sua percepção sobre o passado é limitada pelas informações dadas pelo professor ou por outros meios, como o livro didático, e a história é apresentada de forma cristalizada, portanto sem a possibilidade e a necessidade de atuação do aluno, cabe a ele apenas saber o que ocorreu. Essa passividade acaba distanciando o aluno do aprendizado, pois estudar História perde o sentido, levando-os a um perigoso desinteresse exemplificado com a seguinte fala, muito comum nas salas de aula: “pra que eu quero saber de um negócio que já aconteceu?”. Tal postura é perigosa, principalmente se compactuarmos com a premissa presente em Rüsen, “todo conhecimento histórico desempenha uma função de orientação” (2011, p.270).

Outro problema seria que sem compreender as intencionalidades e disputas em torno da história, esses alunos estariam pouco munidos para questionarem e enfrentarem as próprias representações históricas que muitas vezes são vítimas, principalmente, se considerarmos que a escola em que pretendo desenvolver o projeto, o Centro de Ensino 06, é pública e localizada em Ceilândia, uma região periférica de Brasília, estigmatizada pela pobreza e violência desde a sua fundação em 1971.

3. Situando a pesquisa

O Distrito Federal possui uma organização administrativa específica. Essa unidade federativa não é dividida em municípios e sim em regiões administrativas, conhecidas também como cidades satélites, mas esse termo vem caindo em desuso por representar uma hierarquia



Histórias, Memórias e Projetos para o ensino de História no Brasil



entre a Região Administrativa do Plano Piloto e as demais regiões. É sabido que desde a sua construção, Brasília atraiu migrantes de todo o Brasil e muitos desses trabalhadores optaram por continuarem a morar no Distrito Federal, construindo as suas moradias próximas aos principais canteiros de obras. Porém, parte dessas moradias foram destruídas e esses trabalhadores foram deslocados para regiões periféricas do Distrito Federal. Muitas cidades surgiram nesse processo, inclusive Ceilândia que deriva da sigla C.E.I. que significa Campanha de Erradicação de Invasões. Essa Campanha consistia na remoção de famílias oriundas das vilas I.A.P.I (Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários), Esperança, Tenório, Bernardo Sayão além dos morros do Urubu e do Querosene. Em 1971, Ceilândia é inaugurada integrando a Região Administrativa de Taguatinga até 1989, quando se torna a 9ª Região Administrativa do Distrito Federal (GOUVÊA, 1995). Atualmente, Ceilândia é a Região Administrativa mais populosa do Distrito Federal, com aproximadamente 500 mil habitantes.

A pesquisa será realizada no Centro Educacional 06 de Ceilândia (CED 06). A escola é destinada ao Ensino Médio contendo 1137 alunos no Ensino Regular e 418 alunos na Educação de Jovens e Adultos (INEP, 2019). A escolha dessa unidade de ensino para a realização da pesquisa se deve a dois principais motivos, um estritamente prático e um essencialmente pedagógico. Por se tratar de uma escola exclusivamente destinada aos alunos do Ensino Médio, espera-se que esses alunos tenham uma independência intelectual e de mobilidade maior, essencial para a realização da pesquisa. O outro motivo se deve ao fato de que o CED 06 se mostra receptivo para a realização de atividades extracurriculares, possuindo grupos de teatro, dança, fotografia entre outros.

O projeto Museu de Ceilândia será desenvolvido conjuntamente com os alunos de uma turma do 1º ano ainda indefinida, durante as aulas de Práticas Diversificadas (PD). Tal disciplina, como o próprio nome sugere, não possui um currículo específico, tendo o professor uma grande autonomia para escolher os temas das aulas. O CED 06 empenha-se para que os seus alunos tenham um bom desempenho no Processo de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília (PAS-UnB) e também no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) com simulados e aulas preparatórias para essas seleções, portanto, não pretendo trabalhar com os alunos dos 2º e 3º anos para não sobrecarregá-los ou dividir as suas atenções.



Histórias, Memórias e Projetos para o ensino de História no Brasil



4. Proposta de pesquisa-ação

O primeiro passo será a aplicação de um questionário para os alunos de uma turma do 1º ano, ainda indefinida. Esse questionário possui duas pretensões: avaliar o grau de conhecimento dos alunos sobre a cidade de Ceilândia com perguntas simples e objetivas sobre essa cidade; a outra pretensão seria avaliar a percepção que os próprios alunos possuem da cidade, se ela seria negativa, positiva, indiferente... e se possuem um senso de identidade e pertencimento a Ceilândia.

O segundo passo consiste na visitação de dois museus. O primeiro será o Memorial JK, pois ele possui uma perspectiva biográfica e heroica em torno da construção de Brasília, privilegiando o ex-presidente Juscelino Kubitschek e a sua “imensa coragem e ousadia em construir uma cidade no meio do nada”. Obviamente que essa narrativa é exagerada e fantasiosa e existiam várias cidades próximas à Brasília e várias comunidades rurais. Todos os outros sujeitos históricos representados nesse museu são tratados como meros apêndices de JK. “Nas fotografias ou nos pôsteres os trabalhadores aparecem nas cenas como coadjuvantes, mesmo porque é preciso registrar a presença deles para reafirmar a eloquência da obra” (CARDOSO, 2006, p.188)

O segundo museu a ser visitado será a Casa da Memória Viva de Ceilândia que destoa do Memorial em vários aspectos. Primeiro, ela se localiza a 35 km de distância do Plano Piloto e dos principais pontos turísticos de Brasília e a sua organização se deu a partir da iniciativa do Professor de História Manoel Jevan, que transformou a sua própria casa nesse espaço. Porém, a diferença que mais nos interessa aqui é a perspectiva em torno da fundação de Brasília, já que a Casa da Memória Viva de Ceilândia centra na figura do candango³ na construção da Capital Federal. Com essas visitas eu espero que os alunos percebam as diferenças entre as duas narrativas em torno do mesmo processo histórico e principalmente as diferentes intenções presentes nessas narrativas, exemplificando como se dá as disputas pela história acerca da construção da Capital

O passo seguinte é o de coleta de materiais. Os alunos averiguarão quais objetos eles e seus familiares têm relacionados à história de Ceilândia, como fotografias, ferramentas de trabalho, utensílios domésticos, documentos pessoais e os alunos também coletarão depoimentos

³ Termo comumente usado para designar os trabalhadores braçais que participaram da construção de Brasília

Histórias, Memórias e Projetos para o ensino de História no Brasil



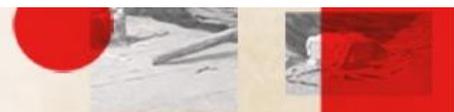
orais dos moradores que vivenciaram a fundação da cidade e também outros momentos considerados relevantes para o Museu. Se necessário, pretende-se solicitar algumas peças emprestadas à Casa da Memória Viva de Ceilândia, procedimento comum entre os museus. Nesse momento espero trabalhar com os alunos aspectos importantes sobre o trato com as fontes, como analisá-las, questioná-las e compará-las.

Nessa etapa intenciona-se também a coleta de documentos oficiais junto à Administração Regional. Essa parte da coleta será realizada por mim. Entre os documentos que pretendo expor estão o decreto de 1971 assinado por Vera de Almeida Silveira, então primeira dama e presidenta da Campanha de Erradicação das Invasões (CEI). Esse decreto autorizava o loteamento da antiga Fazenda Guariroba e futura Ceilândia. Outro documento considerado simbólico é a Lei n.º 49 de 25 de outubro de 1989 que tornava Ceilândia a 9ª Região Administrativa do Distrito Federal. O processo judicial 9832/1980 que tramitou no Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT) também é considerado de valor histórico pois simboliza a luta dos moradores de Ceilândia frente a Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap), que pretendia cobrar valores de mercado pelos lotes distribuídos, contrariando acordos anteriores firmados com os moradores de Ceilândia. Se não for possível expor os documentos originais, pretendo expor as suas cópias.

Com o acervo constituído, inicia-se o quarto passo que se baseia na organização do museu. As peças escolhidas para a exposição, não destinadas a interação, serão comportadas em vitrines, pois além de protegê-las, as vitrines darão a essas peças um sentido mais contemplativo e simbólico, distanciando essas peças das suas funções originais, aspecto que também pretendo trabalhar com os alunos, como e porque os objetos, muitas vezes do cotidiano, deixam de ter uma função prática e se tornam históricos. Os documentos e imagens consideradas mais expressivas serão ampliadas para se destacarem. Outros materiais como t.n.t., e.v.a., cartolina, isopor, tintas também serão utilizados para fins estéticos.

Reforça-se nesse momento uma discussão com os alunos que estará presente desde o início do projeto: o trato com a fonte. O amontoado de objetos recolhidos não se constitui história, quem dará sentido a esses objetos a fim de torná-los históricos, portanto, ressignificando-os, serão as interpretações dos alunos. Segundo Meneses:

O que faz um objeto documento não é, pois, uma carga latente, definida, de informação que ele encerre, pronta para ser extraída, como o sumo de um limão. O documento não tem em si sua própria identidade, provisoriamente indisponível, até que o ósculo metodológico do historiador resgate a Bela



Histórias, Memórias e Projetos para o ensino de História no Brasil



Adormecida de seu sono programático. É, pois, a questão de conhecimento que cria o sistema documental. O historiador não faz o documento falar: é o historiador quem fala e a explicitação de seus critérios e procedimentos é fundamental para definir o alcance de sua fala. Toda operação com documentos, portanto, é de natureza retórica. Não há por que o museu deva escapar destas trilhas, que caracterizam qualquer pesquisa histórica (1993, p.21)

É nesse ponto que as intencionalidades em torno da construção da história ficarão mais evidentes, pois os alunos escolherão o que será exposto, como será exposto, o que não será exposto, o que terá destaque e o que não terá e principalmente os motivos e as intenções das suas escolhas. Quais elementos da história de Ceilândia serão evidenciados a partir do acervo escolhido e por quê? Quais aspectos estarão presentes na narrativa histórica constituída pelos alunos a partir da organização da exposição?

O último passo será a inauguração do Museu, pretendo inaugurá-lo concomitantemente ao Projeto Odisseia, projeto interdisciplinar que ocorre anualmente na escola com a participação de toda comunidade escolar e consiste na apresentação de vários projetos elaborados pelos estudantes. Havendo disponibilidade de espaço, pretendo tornar essa exposição permanente e transformá-la em mais uma ferramenta didática para os professores usarem em suas aulas no Centro de Ensino 06 de Ceilândia.

5. Expectativas

A referida pesquisa possui dois objetivos principais. O primeiro é desenvolver nos alunos a capacidade de perceberem os princípios da produção do conhecimento histórico, juntamente com os seus métodos, formas, funções, intenções e disputas pela história. Ao perceberem as intencionalidades de suas escolhas, creio que estarão mais aptos para perceberem as intencionalidades presentes em outras narrativas históricas, adotando uma postura menos passiva e mais crítica perante as informações recebidas. Não pretendo criar nos alunos a impressão de que a história é uma ficção que diz o que se quer ouvir, a sua natureza interpretativa não a torna ficcional, pois o próprio acervo recolhido e analisado limitará a sua subjetividade. Resumindo, estimo que compreendam os fundamentos da construção da história, seus métodos e intenções a partir de suas experiências práticas na elaboração do Museu de Ceilândia-DF.



Histórias, Memórias e Projetos para o ensino de História no Brasil



O outro objetivo é, a partir do maior envolvimento e conhecimento da história local, desenvolver nesses alunos um senso de identidade e pertencimento a essa cidade com intuito de criarem respostas visando o combate aos preconceitos e às injustiças que acometem a região. Para Rüsen, é justamente o viés prático da história que a torna científica:

Não obstante, ela sempre deve se referir a essa vida prática, sob pena de perder sua vivacidade. Formação é o modo no qual história como ciência efetua essa referência. O que pode ela aqui, no que tem de mais próprio como razão, trazer à vida prática? (2007, p.120).

Contudo, a função prática do ensino de História também é histórica. Com o fim da Ditadura Militar e a promulgação da Constituição Federal de 1988, o ensino de História ganha uma nova função: desenvolver nos alunos uma postura crítica, atuante e que valorize a liberdade (NADAI, 1992/93, p.159) e é nesse contexto que a minha proposta se insere. Ou seja, o ensino de História que outrora foi utilizado para legitimar desigualdades, violências e preconceitos, agora propõem uma perspectiva que vise a valorização das identidades locais, a luta por direitos e o exercício pleno da cidadania para a população marginalizada do Distrito Federal.

6. Considerações finais

Este projeto foi pensado para um momento de normalidade escolar, sem pandemia e com as aulas presenciais. Por se tratar de um mestrado profissional, o programa ProfHistória possui um caráter prático, tornando-o mais vulnerável para tais imprevistos, pois normalmente as dissertações dependem do funcionamento das escolas. Muitas dissertações desse Programa foram alteradas ao longo dos seus percursos em razão de greves docentes, mudanças no calendário escolar entre outros motivos.

Se até 2021 as aulas presenciais na rede pública do Distrito Federal não retornarem, parte da pesquisa será adaptada para um formato digital. Os questionários serão aplicados via *Google Formulários*, o acervo do Memorial JK e da Casa de Memória Viva de Ceilândia será fotografado por mim e enviado para os alunos, as discussões e reflexões em torno da organização do Museu serão via *Google Meets* e a exposição do Museu de Ceilândia será *online*.

Referências

Histórias, Memórias e Projetos para o ensino de História no Brasil



ALBERTI, Verena. **Ensino de história e fontes históricas**. Palestra apresentada no VII Encontro Nacional de História da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, 26 a 28 de novembro de 2015

BITTENCOURT, Circe. **Documentos não escritos na sala de aula**. In BITTENCOURT, Circe. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. Memórias e imagens: (Re)pensando os significados do Memorial JK. MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

GOUVÊA, Luiz Alberto de Campos. Brasília: a capital da segregação e do controle social - uma avaliação da ação governamental na área da habitação. São Paulo: Annablume, 1995.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v.2, jan / dez, 1994.

NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25/26, set. 92/ago. 93, 1993.

PACHECO, K. Superando a história única: a educação patrimonial como instrumento de democratização cultural no Distrito Federal. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 60, n. 16, p. 43-61, 31 ago. 2020.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. **O que pode o ensino de história?** Sobre o uso de fontes na sala de aula. *Porto Alegre, Anos 90*. Porto Alegre, v. 15, n. 28, dez. 2008.

RÜSSEN, Jörn. **História viva: Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Editora. UnB, 2007.

_____ **Pode-se melhorar o ontem?** In: SALOMON, Marlon (org.). *História, verdade e tempo*. Chapecó, SC: Argos, 2011.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Censo Escolar, 2018*. Brasília: MEC, 2019.